

PRÁTICAS DE LEITURA E PREFERÊNCIAS DAS PROFESSORAS DA REDE MUNICIPAL DE ENSINO DE CURITIBA.

ADRIANE KNOBLAUCH (UFPR), ANA LUCIA ZIMMERMANN FELCHNER (UFPR).

Resumo

A comunicação apresenta as práticas de leitura e as preferências de um grupo de professoras de diferentes escolas municipais da cidade de Curitiba. Os dados foram coletados por meio de entrevistas individuais realizadas no ambiente de trabalho das professoras durante o segundo semestre de 2008, como parte de uma pesquisa mais ampla sobre o perfil do gosto cultural da docência. A presente análise, fundamentada nos escritos de Pierre Bourdieu sobre a construção social do gosto que ocorre como fruto do habitus socialmente construído, aponta inicialmente dois grupos distintos: as professoras que disseram ter tempo para a leitura e, por outro lado, as professoras que relataram não ler por falta de tempo, o que confirma aspectos da proletarização do magistério e demonstra o lugar reservado às mulheres na sociedade atual. Em relação às escolhas das professoras do primeiro grupo, foi possível constatar três diferentes níveis de influência: o hábito de leitura desenvolvido na família de origem, já na infância, acrescido das influências da mídia; o hábito da leitura influenciado pela religião também incorporando as direções dadas pela mídia; e, por fim, a influência da formação escolar, sobretudo, acadêmica que se traduziu num gosto, em alguma medida, mais distante das orientações midiáticas. Vale ressaltar que, neste caso, a formação acadêmica, em conjunto com uma visão crítica reforçada pela religião, representou para a entrevistada uma possibilidade de equiparação cultural à família do cônjuge determinando sua preferência e prática de leitura.

Palavras-chave:

Leitura, Gosto, Habitus.

O presente artigo traz algumas considerações sobre preferências e práticas de leitura de um grupo professoras dos anos iniciais do Ensino Fundamental da cidade de Curitiba. Os dados foram coletados durante o segundo semestre de 2008 por meio de entrevistas com as professoras que se dispuseram a participar de uma pesquisa mais ampla a qual buscou identificar o perfil do gosto e do consumo cultural de professoras, considerando que o consumo de bens culturais exprime traços distintivos de uma fração de classe ou grupo social. Tal pesquisa situa-se, portanto, no conjunto de trabalhos que visam aprofundar o conhecimento que se tem sobre a docência numa perspectiva sociológica e justifica-se tendo em vista que conhecer com maior amplitude o gosto e o consumo cultural de professoras se faz necessário para identificar o universo simbólico no qual estão inseridas, pois tal universo interfere, ainda que de forma inconsciente, em suas atividades didáticas.

Buscou-se identificar nas entrevistas as preferências e práticas de consumo das professoras no que se referem aos diferentes âmbitos culturais, tais como, cinema, teatro, museu, música, televisão e leitura. O recorte na leitura, aqui proposto, traz dados relativos ao tempo destinado à leitura e às preferências das professoras. No entanto, mais do que constatar as preferências, importa saber, do ponto de vista sociológico, como tais preferências foram construídas. Nesse sentido, os estudos de Pierre Bourdieu sobre habitus, capital cultural e construção social do gosto se mostram pertinentes na medida em que desnaturalizam a ideologia do dom e apontam para um processo em que a trajetória familiar e escolar se complementam de modo que o gosto se converte numa espécie de capital, pois confere distinção entre diferentes frações de classe.

Questões teórico-metodológicas da pesquisa

Já que a opção teórico-metodológica para esta pesquisa previu uma análise, em certa medida, minuciosa sobre a trajetória familiar e escolar das entrevistadas, a fim de detectar como as preferências em torno da leitura foram construídas, decidiu-se por um grupo reduzido de professoras e que trabalhassem em escolas localizadas em diferentes regiões da cidade para evitar que questões de proximidade geográfica, e outras que decorrem de tal proximidade, pudessem interferir na análise. Além disso, para evitar que a entrevista se convertesse numa "comunicação violenta", tendo em vista que toda relação de pesquisa é uma relação social com níveis hierárquicos distintos e que, por isso, pode exercer efeitos sobre os resultados, aceitou-se a sugestão de Bourdieu (2003a) que o pesquisador seja conhecido do pesquisado ou, então, apresentado por pessoas conhecidas. Deste modo, a escolha das escolas foi feita com base no conhecimento prévio das pesquisadoras por alguns de seus profissionais. O grupo constituiu-se de 2 professoras de 4 escolas diferentes, totalizando oito professoras. Suas entrevistas foram gravadas e transcritas mediante autorização prévia. Para garantir o anonimato que a ética exige os nomes das escolas não serão mencionados e os das professoras serão livremente substituídos por outros.

A entrevista foi composta com questões referentes à origem familiar das entrevistadas, profissão e nível de escolaridade dos pais e avós, bem como, atividades culturais vivenciadas na infância e adolescência. Num segundo momento, questões sobre a trajetória escolar das entrevistadas e de seus familiares (irmãos, maridos ou filhos) também foram feitas, as quais foram seguidas por questões referentes ao gosto e consumo cultural das professoras, das quais destacam-se aqui, as relativas à leitura. O intuito dessas questões foi buscar reconstruir facetas do habitus das professoras, por meio de informações referentes ao capital cultural, social e escolar delas e de suas famílias, para tentar identificar níveis de influência nas suas escolhas e práticas de leitura.

Vale ressaltar que a noção de habitus desenvolvida por Bourdieu (2003b) permite compreender que as ações não são simples escolhas individuais e nem, tampouco, respostas mecânicas às pressões da estrutura, mas fruto de um complicado processo que envolve as questões do presente, do passado e da fração de classe, capaz de atuar como um filtro de leitura que permite a compreensão do mundo e impulsiona as ações dos agentes, atuando como matriz estruturada e também estruturante, estando na origem das práticas.

Como sistema de disposições duráveis, portanto, o habitus é transferível para todas as esferas da vida do agente, quer no que se refere à alimentação, ao vestuário, ao cuidado com o corpo, à linguagem, ao consumo cultural, entre outros, dando unidade ao estilo de vida de diferentes frações de classe, sendo diferenciado, mas também, diferenciador:

Uma das funções da noção de habitus é a de dar conta da unidade de estilo que vincula as práticas e os bens de um agente singular ou de uma classe de agente. (...) O habitus é esse princípio gerador e unificador que retraduz as características intrínsecas e relacionais de uma posição em um estilo de vida unívoco, isto é, em um conjunto unívoco de escolhas de pessoas, de bens, de práticas. (...) Distintos, distinguidos, eles são também operadores de distinções: põem em prática princípios de diferenciação diferentes ou utilizam diferenciadamente os princípios de diferenciação comum. (Bourdieu, 2004a: 21-22).

Deste modo, Bourdieu (2003c) amplia a perspectiva de análise indicando que, ao lado de questões econômicas, outras questões também interferem na construção do gosto, pois para ele o consumo de certos bens culturais apresenta traços distintivos de um determinado grupo social ou de uma determinada fração de classe. Esclarece, ainda, que a preferência por alguns bens culturais, ou o gosto, não é decorrente de questões subjetivas, mas é produto das condições de existência nas quais os agentes estão inseridos. Tais "escolhas", então, têm por base estratégias de distinção.

O que os dados sugerem: três níveis de influência

As oito entrevistadas são professoras dos anos iniciais de Ensino Fundamental, com idade entre 29 e 54 anos. Sete cursaram magistério e destas, quatro possuem graduação em Pedagogia, uma em Letras e outra está finalizando seu curso de Pedagogia. Há, ainda, uma que optou por não fazer curso superior, pois está no final de sua carreira profissional. A oitava professora cursou Informática no Ensino Médio e Pedagogia na graduação. É possível afirmar que todas são oriundas de famílias originalmente de pouca aquisição de capital econômico e cultural, ainda que tenham afirmado uma melhora das condições de vida de seus pais em relação à vida de seus avós: os pais, em sua maioria, possuem Ensino Fundamental incompleto, com exceção duas entrevistadas que o pai possui Ensino Médio e outra que os pais possuem Ensino Superior completo. Já os avós eram, na maioria dos casos, analfabetos.

Todas as oito entrevistadas afirmaram gostar de ler e consideram a leitura como um importante instrumento para seu aperfeiçoamento profissional e estratégia de lazer. No entanto, duas professoras afirmaram não ler por falta de tempo: Elizabete, 47 anos, cursou Magistério em escola pública e Pedagogia à distância, divorciada, 3 filhos, responsável por sua mãe doente e Regina, 33 anos, cursou Magistério em escola pública e Pedagogia em instituição particular de pouco prestígio acadêmico, mora com os pais, mãe solteira de uma filha 10 anos e possui dois irmãos, um mais velho e um mais novo. Tais dados confirmam aspectos da crescente proletarização do magistério que faz com que os professores assumam outras jornadas de trabalho, diminuindo seu tempo para aperfeiçoamento profissional e contribuindo para a crescente perda de autonomia (ver, por exemplo, Apple, 1989 e Fernández Enguita, 1990); além disso, a análise sobre o lugar reservado às mulheres na sociedade atual que concede a elas a esfera do privado, prioritariamente, a educação dos filhos e cuidado com outros parentes também pode contribuir para a compreensão deste fenômeno (a esse respeito, ver Bourdieu, 2007a).

As outras seis professoras afirmaram ler com alguma frequência e lembraram-se de familiares leitores (pai, mãe ou tia) como uma possível fonte de exemplo para a construção de seus hábitos de leitura. Relataram, ainda, outros fatores que também podem ser considerados como influenciadores do seu gosto mais ou menos próximo da influência da mídia comercial, no caso da maioria, ou de uma mídia mais intelectualizada, no caso de Fabiana, como se mostra a seguir.

Andréia tem 39 anos, é solteira, não tem filhos, mora com os pais. Estudou o Ensino Fundamental em escola pública, Magistério e Pedagogia em instituições particulares. Relatou que sua trajetória escolar foi parecida com a de suas irmãs e que sempre gostou das atividades envolvendo leitura solicitadas pela escola na sua infância e adolescência, mesmo aquelas em que após a leitura de um livro era exigido a resolução da ficha de leitura. Lembrou-se de uma tia que, segundo ela, "*adorava leitura*" e acredita que tenha sido influenciada por ela. Afirmou ler com bastante frequência os livros que compra em livrarias ou que troca com seus

familiares (irmãs e primas, principalmente), especialmente nas férias. No momento da entrevista, disse que terminara de ler "A menina que roubava livros". Não se lembrou do autor do livro, mas afirmou que a questão judaica na Segunda Guerra Mundial sempre foi um motivo de interesse para ela. Afirmou, ainda, que ao longo da vida passou por fases de interesses, desde gibis, coleção Sabrina e Júlia, Sidney Sheldon, Paulo Coelho ou livros de auto-ajuda. Afirmou que a escolha dos livros que lê ocorre por indicação de amigos ou parentes, por resenhas que encontra em revistas de ampla circulação nacional ou, ainda, pelo conteúdo do livro: *"(...) pela história, sabe... esse da menina que roubava livros, na verdade foi que eu passei na livraria, olhei o livro, assim sabe, entrei, olhei, me interessei e comprei"*.

Bianca, assim como Andréia, também afirmou que escolhe livros segundo o que está indicado em revistas e pelo conteúdo das histórias, *"não gosto de nada que fuja muito da realidade"*. Afirmou comprar pelo menos um livro por mês e sempre em livrarias e que lê todas as noites, antes de dormir. No momento da entrevista, disse estar lendo "Zona de Impacto" de Dan Brown e afirmou que leu outros livros do mesmo autor: "Código da Vinci", "Anjos e Demônios". Tem 29 anos, foi casada por um curto período de tempo e atualmente mora novamente com os pais e uma irmã mais nova. Estudou Ensino Fundamental, Médio (curso técnico em Informática) e superior (Pedagogia) em instituições particulares. Afirmou que na infância não gostava de ler e que lia somente o que a escola obrigava. Acredita que desenvolveu o hábito da leitura pela influência do pai que comprava livros para ela e sua irmã, mesmo que elas não gostassem: *"meu pai comprava um monte de livro e não ia pra frente (...) a gente chegou a ter uma caixinha com disquinho, que tinha a história que dava pra acompanhar (...) eu lembro que ele fez uma assinatura da Turma da Mônica, que a gente teve por anos, e do Nosso Amiguinho..."*

A lembrança que Andréia e Bianca têm das atividades desenvolvidas pela escola em torno da leitura são diferentes. Enquanto a primeira afirmou gostar do que a escola solicitava, a segunda disse o contrário, mas ambas descreveram as mesmas atividades: leitura e resolução da ficha de leitura. Os dados sugerem que para ambas a influência maior foi de familiares e que suas escolhas são baseadas no que a mídia comercial veicula.

Para um segundo grupo de professoras, a influência maior nas suas escolhas está na interferência que a religião exerceu em suas trajetórias de vida.

Olga tem 54 anos, é casada, possui dois filhos. Cursou Magistério há 36 anos atrás e começou a cursar Pedagogia na PUCRS, mas teve que interromper seus estudos devido ao casamento e mudança de cidade para acompanhar o marido. Atualmente cursa Pedagogia à distância, com o auxílio da Prefeitura Municipal de Curitiba, tendo em vista a exigência posta na LDB 9394/96. Seu marido não completou o Ensino Fundamental, é corretor de imóveis. Atualmente aposentado, trabalha como cozinheiro. Em sua entrevista afirmou que sua família sempre foi Adventista, o que possibilitou que ela e seus irmãos cursassem os primeiros anos do Ensino Fundamental em uma escola particular mantida pela igreja. Manteve sua opção religiosa, mesmo após seu casamento, e ainda hoje frequenta a igreja com certa regularidade.

No que se refere à leitura, afirmou que atualmente lê mais o que a faculdade pede. Em anos anteriores, se interessou por leitura sobre Inteligência Emocional devido a uma turma de alunos que, segundo ela, *"o emocional já tava baixo, eles já tinham colocado na cabeça que eles não sabiam ler"*. Mas, deixou claro que essa leitura complementou as leituras que realizava por intermédio da igreja: *"comecei a ler Goleman e um livro de medicina que eu tinha em casa que fala muito sobre a*

felicidade, sobre transtornos emocionais, coisas assim...". Nesse sentido, declarou que compra livros em livrarias, mas também na igreja, pois *"minha igreja me orienta bastante, ela tem livros de regime alimentar, saúde (...) todas as áreas ela tem livros excelentes"*. Tem em sua memória a imagem do pai que lia bastante jornal e que levantava às 5:00h para fazer sua meditação religiosa, mas não se recorda de ter livros de literatura infantil para que ela e seus irmãos pudessem ler.

Zulmira tem 51 anos, é separada, mora com seu filho de 28 anos e sua mãe. Recebeu formação espírita em sua infância, sendo essa a opção religiosa de seu pai. Para poder realizar a cerimônia de seu casamento, batizou-se na Igreja Católica. Relatou, ainda, a frequência a outras instituições religiosas que ocorreu por conselhos de amigos, tendo em vista um quadro, segundo ela, bastante grave de depressão de seu filho: *"ele sofreu um problema de depressão e síndrome do pânico"*. Afirmou que atualmente não segue uma única religião, mas frequenta Igrejas Evangélicas, Católica ou Centro Espírita, de acordo com a ocasião e a companhia.

Quanto à leitura, afirmou ler todas as noites, *"sempre que posso tô lendo alguma coisa"*. No momento da entrevista, disse estar lendo "O Caçador de Pipas", mas afirmou ler mais a Bíblia e livros espiritualistas, citando a autora Zíbia Gasparetto e, ainda, Danielle Steel para os romances. Relatou que tem o hábito de comprar livros e que isso ocorre em livrarias ou supermercados, *"onde me chamar atenção, eu compro"*.

Berenice tem 52 anos, é casada e tem dois filhos. Cursou o Ensino Fundamental na fazenda de seu pai na cidade do interior em que morava. Com 18 anos, mudou-se para São Paulo para tornar-se freira, cursando em conjunto com o noviciado Magistério e Pedagogia na mesma instituição religiosa. Assumiu os votos perpétuos e passou a trabalhar como missionária em favelas e com índios em diversas regiões do país, ao mesmo tempo em que trabalhava na escola mantida por sua congregação, *"uma escola da elite paulista"*. Acredita que sua opção pela vida religiosa tenha ocorrido por influência do pai que sempre foi muito católico e, segundo ela, *"congregado mariano, são homens que louvam Maria"*, uma corrente bem tradicionalista dentro da Igreja Católica. Nesse período, teve contato com uma ala mais à esquerda na Igreja e com leituras sobre a Teologia da Libertação de Leonardo Boff. Mesmo não tendo assumido para si tais ensinamentos, acredita que eles foram responsáveis por um choque entre o que via na escola e em seu trabalho missionário, o que fez com que ela se desligasse da instituição, deixando de ser freira. Conheceu seu marido, um ex-seminarista, enquanto aguardava seu desligamento religioso. Atualmente, ambos trabalham como animadores da Igreja Católica que frequentam, participando de diversos grupos na igreja.

Em relação à leitura, afirmou gostar de ler apesar do pouco tempo que tem para isso. Atualmente, seu autor preferido é Augusto Cury, *"gosto de auto-ajuda (...) de tudo o que tá relacionado com a mente"*. Por isso, disse que fez alguns cursos sobre parapsicologia com o Padre Quevedo. Declarou que gosta de comprar livros e de frequentar livrarias, citando uma livraria católica bastante conhecida em Curitiba. Na infância, lembrou-se de frequentar a biblioteca da cidade em que morava na qual teve contato com livros clássicos, como "Dom Casmurro" e "O Cortiço".

O que os dados apresentados aqui sugerem, é que a forma como a religião atua na vida familiar e pessoal de cada um também interfere em todo esse processo. Não é a simples frequência a alguma instituição religiosa, pois Andréia também tem esse hábito, assim como sua família (e no seu caso, a religião não se demonstrou como um nível de influência significativo); mas, ao contrário, é o que a

religião representa na vida das entrevistadas, é o peso que a religião exerce em alguns momentos cruciais de suas vidas: a possibilidade de compreender melhor a depressão do filho, no caso de Zulmira; o preenchimento de lacunas de informações diversas no caso de Olga, tendo em vista que sua escolaridade foi bastante precarizada e a organização de toda a vida e de construção de visão de mundo, no caso de Berenice. Assim, ao lado da mídia, a religião se converteu num nível de influência significativo para a construção das escolhas dessas três professoras.

O que a escolaridade representa para cada uma, mais do que a simples frequência ou conclusão dos estudos, mas, sobretudo, o valor atribuído a ela, também pode ser considerado como um nível forte de influência na construção social do gosto. É o que pode ser exemplificado no caso de Fabiana.

Fabiana tem 37 anos, é casada e tem dois filhos. Coursou Ensino Fundamental e Magistério em escolas públicas. Após a conclusão do Curso de Magistério, trabalhou em algumas escolas particulares por períodos curtos, até que conseguiu uma vaga numa escola, também particular, com algum reconhecimento no bairro em que mora e entre suas colegas de curso. Nessa escola, conheceu seu marido, filho da dona da escola e que trabalhava no setor financeiro da mesma. A trajetória escolar dos familiares de seu marido é bastante distinta da sua trajetória e de sua família. Sua sogra possui graduação em Sociologia e 4 pós-graduações não especificadas pela entrevistada, sua cunhada tem graduação em Pedagogia e seu marido graduação em Ciências da Computação e pós-graduação em Engenharia de Software. Em sua entrevista, demonstrou bastante admiração pela família de seu marido, quer no que se refere à organização da proposta pedagógica da escola, ou no que diz respeito a sua relação com a cultura e busca de informações.

Atribui ao seu marido a possibilidade de continuação dos seus estudos, especialmente no que se refere ao incentivo. Foi ele quem lhe falou sobre os prazos para inscrição para o vestibular que lhe possibilitou o ingresso ao curso de Letras na PUCPR, motivando-a a se inscrever e também foi ele quem lhe falou, um ano após o início de seu curso, sobre uma possibilidade de transferência para o curso de Letras da UFPR mediante análise do seu currículo, o que conseguiu tendo em vista as boas notas com as quais havia concluído seu primeiro ano de curso na PUCPR.

No que se refere à leitura, afirmou gostar de ler e buscar tempo para isso. Revelou algum conhecimento sobre autores clássicos, inclusive em relação ao conteúdo de suas obras, e autores paranaenses, em certa medida, distantes da mídia comercial, diferente das outras entrevistadas. Segundo ela, adquiriu esse conhecimento em sua graduação e pós-graduação em Língua Portuguesa e Literatura Brasileira, cursada pela PUCPR. Revelou, ainda, que já leu de tudo, desde as séries Sabrina e Júlia até livros de auto-ajuda, citando Augusto Cury. Mas, conseguiu esboçar uma crítica a este último tipo de literatura, afirmando que os livros são repetitivos e sempre com a mesma linguagem.

Disse que tem o hábito de comprar livros e que frequentar a livraria do shopping próximo a sua residência é uma forma de lazer que vem desenvolvendo também com seus filhos. Após a conclusão de sua pós-graduação, afirmou ter mais tempo para a literatura; antes precisava intercalar essa leitura, com estudos sobre lingüística. Relatou que o último livro lido foi "O Equilibrista do Arame Farpado", que segundo ela "*seria de vanguarda, não sei se seria isso...*". Disse, ainda, que gostou do livro "*porque tinha cinco narradores, daqui a pouco, um jogava pra escanteio e o outro contava a história (...) eu ria com o livro, era divertido, mas o final me deixou um pouco a desejar...*"

As discussões sobre o cânone na literatura ou sobre a forma como a crítica literária se configura atualmente não serão tratadas aqui, tendo em vista os limites deste artigo (alguma informação a respeito pode ser encontrada em Bourdieu, 2004b). No entanto, é possível afirmar que o livro citado por Fabiana se distancia da leitura mais comercial citada por suas colegas e se aproxima de uma mídia mais intelectualizada.

O fato da entrevistada ter cursado Letras na instituição de maior prestígio social em Curitiba (UFPR), um curso com suas discussões em torno da literatura, sem sombra de dúvida, mais presentes do que nos cursos de Pedagogia cursados pelas demais entrevistadas em instituições particulares com menor prestígio, além da sua pós-graduação, não deve ser desconsiderado na presente análise. Exerce, portanto, algum nível de influência nas escolhas de Fabiana. Sua entrevista, porém, demonstra que, mais do que o conteúdo propriamente aprendido em sua formação acadêmica, foi a possibilidade de equiparação cultural à família de seu cônjuge que fez com que Fabiana tirasse o proveito que tirou de sua formação. Ela relatou, ainda, que a visão progressista que adquiriu na Igreja Católica, com um grupo de padres amigos, também interferiu na forma como conduziu seus estudos. Eis suas palavras:

"É que na verdade a faculdade ajudou a estragar o que tava ruim, desandou de vez! Porque quando eu lia, Ilíada e a Odisséia, eu lia todas aquelas tragédias gregas e dizia: 'Meu Deus do céu! Jesus Cristo é mais um herói da epopéia!' E na verdade, se você for comparar a história de Jesus Cristo, com a trajetória daqueles deuses, filhos dos deuses, aquela coisa, é claro que mal comparando né, você vê que existe muita semelhança (...) você vê o contexto histórico, que época que aquilo foi escrito. Que nem a abertura do mar vermelho, o padre falou pra nós, que quem escreveu aquela passagem foi Maria, irmã do Moisés. Ela era uma poetisa, todas as palavras foram escolhidas, então aquilo foi feito de maneira poética, não foi uma simples narração de fatos, né, só pra gente entender isso..."

No caso de Fabiana, então, sua formação acadêmica em conjunto com a visão crítica adquirida na igreja representou possibilidade de equiparação cultural com a família de seu marido. E esse conjunto de fatos é que pode determinar suas escolhas em relação à leitura.

Algumas considerações finais

A partir dos exemplos citados, fica mais claro, então, a análise de Bourdieu (2007b) de que as escolhas trazem as marcas da trajetória de cada indivíduo, para o que é importante analisar o capital de origem e o capital de chegada de cada um em relação com a família e a escola, pois ambas constituem mercados inseparáveis no que se refere à construção social do gosto, divulgando competências e o valor dessas competências, ou seja, um senso de aplicação na forma como tais competências serão usadas, mais próximas ou distantes do cânone escolar.

A análise das trajetórias aqui apresentadas sugere que as escolhas ocorrem por uma série de fatores combinados, tendo como pano de fundo a forma como ocorreu a vivência com a família, a religião ou a formação acadêmica, ou seja, o peso com que cada uma dessas esferas opera sobre a trajetória pessoal, constituindo um emaranhado de informações que atua como filtro para as pressões midiáticas em torno da leitura.

Referências Bibliográficas

APPLE, M. *Maestros y textos*. Barcelona: Paidós, 1989.

BOURDIEU, P. Compreender. In: BOURDIEU, P. (Coord) *A miséria do mundo*. 5ª ed. Petrópolis: Vozes, pp.693-732, 2003a.

_____. Esboço de uma teoria da prática. In: ORTIZ, R. (org.) *A sociologia de Pierre Bourdieu*. São Paulo: Olho d'água, pp.39-72, 2003b.

_____. Gostos de classe e estilos de vida. In: ORTIZ, R. (org.) *A sociologia de Pierre Bourdieu*. São Paulo: Olho d'água, pp.73-111, 2003c.

_____. Espaço social e espaço simbólico. In: BOURDIEU, P. *Razões práticas: sobre a teoria da ação*. 5ª ed. Campinas: Papirus, pp. 13-33, 2004a.

_____. O campo intelectual: um mundo à parte. In: BOURDIEU, P. *Coisas ditas*. São Paulo: Brasiliense, pp. 169-180, 2004b.

_____. *A dominação masculina*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007a.

_____. *A distinção: crítica social do julgamento*. São Paulo: Zouk e Edusp, 2007b.

FERNÁNDEZ ENGUITA, M. *La escuela a examen*. Madri: Eudema, 1990.